

Missão Empresarial: Uma Redescoberta que nos Desafia

Mats Tunehag

Cristóvão Colombo descobriu a América? Na verdade, não. Os vikings estiveram lá séculos antes. O que podemos dizer é que Colombo re-descobriu a América. Missão Empresarial também não é uma nova descoberta – é uma re-descoberta de verdades e práticas bíblicas. Em certo sentido, é como a Reforma e seu grito mobilizador: *ad fontes* – de volta às origens.

Missão Empresarial (ME, BAM na sigla em inglês) é uma expressão amplamente usada hoje em dia. A expressão é nova, mas o conceito que está por trás não é nada novo. Durante a Reforma, verdades antigas foram reenfatizadas, e pressuposições da época foram questionadas. É isso que o movimento global de ME está fazendo hoje. Estamos olhando a Bíblia com novos olhos, questionando jargões e tradições, e avaliando a situação do mundo.

Muitos evangélicos dão ênfase à Grande Comissão, mas cometem uma grande omissão. Esse é apenas um de três mandatos que temos. O primeiro que Deus nos deu é o mandado da criação, em Gênesis 1–3: devemos ser criativos e criar coisas boas, para nós e os outros, sendo bons administradores de todas as coisas que nos foram confiadas – também na esfera material. Isso, é claro, inclui ser criativo no mundo empresarial – criar riqueza. Criação de riqueza é uma capacidade dada por Deus: “Lembrem do Senhor, nosso Deus, pois é ele quem lhes dá força para conseguirem riqueza” (Dt 8.18). Como cristãos, costumamos enfatizar a distribuição de riquezas, mas não haverá riquezas para distribuir se ninguém criá-las.

O segundo mandato é o Grande Mandamento, que abrange amar o próximo. Nesses primeiros dois mandatos, encontramos a base para o que os economistas hoje chamam de RSE – Responsabilidade Social da Empresa. Trata-se de criar riqueza e gerar produtos e serviços por maneiras que levem em conta “o próximo”. RSE reconhece a importância de a empresa servir várias freguesias – não apenas os proprietários, mas também os funcionários, fornecedores, clientes, a comunidade e o ambiente. RSE abrange três objetivos, olhando para o impacto que as empresas têm em termos econômicos, sociais e ambientais para os vários participantes.

ME também reconhece a importância dos três objetivos, pois é baseada nos mandatos que Deus nos deu de sermos administradores criativos e servirmos uns aos outros. Contudo, ME vai além, para RSE+, ao incluir o terceiro mandato – a Grande Comissão. Devemos glorificar a Deus e tornar Cristo conhecido entre todos os povos. Esse é o quarto objetivo. Integrando a Grande Comissão em nossos objetivos para a empresa, desenvolvemos uma perspectiva global e missional. ME é RSE+, onde o + também pode ser visto como uma cruz – colocando tudo sob o senhorio de Cristo.¹

¹ Num paradigma empresarial limitado, o foco quase único é maximizar o lucro para os proprietários. O movimento de **responsabilidade social da empresa (RSE)** está crescendo e enfatiza a responsabilidade para com a sociedade como um todo, medindo o impacto social e ambiental, além dos resultados financeiros. **ME** concorda com esses três, mas **inclui um quarto objetivo**, que é revelar e honrar Cristo intencionalmente para vê-lo transformar vidas através da atividade empresarial. **ME é RSE+**. Veja a ilustração abaixo: “*accountability*” é responsabilização, perante o(s) proprietário(s) (“*owner/s*”), os investidores e os seguidores de Jesus; “*business bottomlines*” são os objetivos, “linhas fundamentais”, da empresa, que são econômicos, sociais, ambientais e espirituais; na conjugação das linhas vertical e horizontal está a Responsabilidade Social da Empresa, RSE, com seus três objetivos, e RSE+, incluindo o quarto objetivo: transformação integral de indivíduos e sociedades:

Precisamos redescobrir nossos três mandatos bíblicos e revisar suas implicações para a igreja, para as empresas e para nossa missão global.

Contudo, é claro que há muitos outros assuntos e aspectos a considerar. Durante esse processo tão necessário de retornar *ad fontes* e re-descobrir,² temos de nos perguntar:

Por que parece que valorizamos o chamado de ser pastor e missionário mais que o chamado para ser empresário ou executivo?

Por que tão poucos sermões são feitos sobre o que a Bíblia diz sobre trabalho e negócios?

Por que tendemos a enfatizar mecanismos não lucrativos para aliviar a pobreza, se empresas lucrativas são um mecanismo bíblico natural para criar riqueza?

Por que tendemos a valorizar a distribuição de riqueza e a negligenciar a criação de riqueza?

Por que raramente comissionamos empresários no culto para ser sal e luz no mundo dos negócios?

Por que tendemos a limitar a contribuição de empresários cristãos à doação de dinheiro para programas ministeriais?

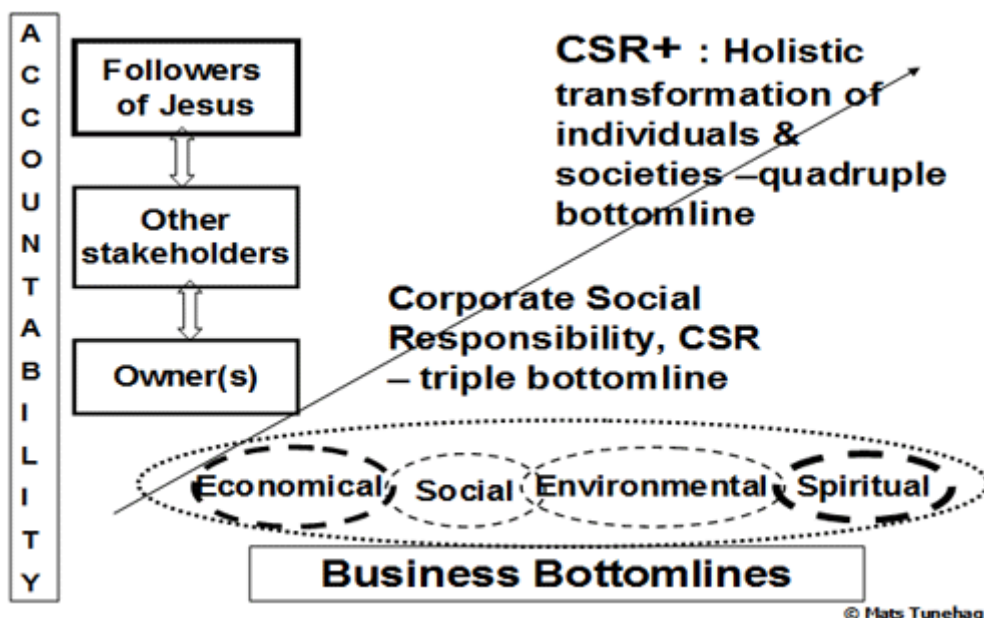
Por que não perguntamos mais vezes aos empresários como podemos orar por eles e por suas empresas?

Por que tendemos a nos acomodar a ser bons empresários – os três objetivos, esquecendo o quarto objetivo, glorificar a Deus e tornar Cristo conhecido entre todos os povos enquanto empresários?

Por que não contamos mais histórias de empresários crentes que foram e são instrumentos de transformação integral de pessoas e sociedades, sendo empresários?

Por que tão poucos seminários e institutos bíblicos oferecem cursos de teologia do trabalho e da empresa?

Por que tão poucos pensadores e estrategistas de missão se debruçam sobre a falta de 1,8 bilhão de empregos no mundo,³ principalmente em regiões em que o nome de Jesus raramente é ouvido?



² O movimento de ME global está passando por um processo intenso de redescoberta, através do segundo Grupo de Reflexão sobre Missão Empresarial. Para saber mais e, quem sabe, se envolver, veja www.bamthinktank.org.

³ "Jovens, idosos, ricos e pobres, russos, etíopes, peruanos, muçulmanos, hindus, curdos, cristãos, e todas as diferentes raças e culturas – seja você um executivo, um general, um voluntário sem fronteiras ou um missionário, o tópico número 1 no mundo, por muito tempo ainda, será a criação de empregos e o empreendedorismo." Jim Clifton, *The Coming Jobs War*. Gallup Press, 2011. <http://businessjournal.gallup.com/content/147848/Coming-Jobs-War.aspx>

Deixe-me enfatizar a enormidade e gravidade da última afirmação: **faltam 1,8 bilhão de empregos**. Como podemos servir essas centenas de milhões de pessoas? Como podemos encorajar, preparar, equipar e enviar empresários e executivos para demonstrar o reino de Deus no meio dessas multidões?

Tanto os líderes das igrejas quanto os empresários precisam redescobrir as verdades bíblicas e fazer mudanças para atender aos grandes desafios que enfrentamos.

“**Convocamos a igreja no mundo todo** para identificar, encorajar, orar por, comissionar e enviar empresários e empreendedores para exercer seus dons e chamado como empresários no mundo – entre todos os povos e até os confins da terra. **Convocamos os empresários do mundo todo** para receber esse encorajamento e refletir como seus dons e experiência podem ser usados para ajudar a atender as necessidades espirituais e materiais mais prementes por meio da Missão Empresarial.”⁴

Outros recursos:

- 1) O relatório completo do Fórum de 2004, documento nº 59 em <http://www.lausanne.org/en/documents/lops.html>;
- 2) <http://conversation.lausanne.org/en/resources/detail/12292> tem um vídeo de 20 minutos com Mats Tunehag, em inglês: *What's now and what's next* [O que temos? O que fazer?].
- 3) http://conversation.lausanne.org/en/resources/detail/12291#article_page_4 tem uma lista de livros, artigos e outros recursos, em inglês
- 4) www.MatsTunehag.com tem artigos em inglês e outras línguas, inclusive em português.

Mats Tunehag é consultor independente, palestrante e escritor, porta-voz global da Aliança Evangélica Mundial para liberdade religiosa, e membro do Conselho Global de *Advocates International*, uma rede mundial de 30.000 advogados em mais de 120 países. Ele também é consultor especial sobre Missão Empresarial junto ao Movimento de Lausanne e à Comissão de Missões da Aliança Evangélica Mundial.

Uma resposta do Reino Unido

Bridget Adams

Muito bem, Mats, você pintou o cenário esplendidamente bem! Temos de tentar entender as perguntas que você faz. Não sei responder todas elas – na verdade, eu gostaria de acrescentar mais algumas à lista!

Em primeiro lugar, e talvez mais importante, para que serve a igreja? Aqui no Reino Unido, em 2004 a Igreja da Inglaterra produziu um relatório intitulado Igreja com Formato Missionário. O teólogo John Hull escreveu uma crítica do relatório, concluindo, desanimado: “Esperávamos uma igreja com formato missionário, mas o que encontramos foi uma missão com formato de igreja.” Ele tentou desembaraçar a confusão teológica que é feita com os conceitos de igreja, reino e missão no relatório. Creio que essa confusão é bastante difundida. Qual é a missão da igreja? Edificar a igreja é a mesma coisa que edificar o reino?

⁴ O Manifesto de Missão Empresarial, de 2004, é um resumo das conclusões do primeiro Grupo de Reflexão sobre Missão Empresarial, que “trabalhou por um ano, tratando de assuntos relacionados com os propósitos de Deus para trabalho e negócios, o papel dos empresários na igreja e na missão, as necessidades do mundo e como empresas podem atendê-las. O grupo consistiu de mais de 70 pessoas de todos os continentes. A maioria veio de contextos empresariais, mas havia também líderes de igrejas e agências missionárias, educadores, teólogos, advogados e pesquisadores. O processo de colaboração abrangeu 60 artigos, 25 estudos de casos, várias consultas nacionais e regionais sobre Missão Empresarial e debates por e-mail, culminando em uma semana de diálogos e trabalho face a face”.

Se a missão da igreja é simplesmente trazer mais gente para dentro dos prédios, então as igrejas que você descreve implícita em suas perguntas podem ou não estar fazendo um bom trabalho, mas estão fazendo o trabalho certo. Se (como nós dois cremos) a missão da igreja é colaborar com Deus ajudando a construir o reino, transformar o mundo trabalhando por justiça, amando o próximo, levando Jesus “lá fora”, então pode bem ser que as igrejas têm um trabalho diferente a fazer!

As perguntas que você faz são perguntas de alguém que edifica o reino. Uma empresa é um veículo fantástico para construir o reino, mas a pessoa só vê isso depois de ter dado o salto para um novo modo de pensar a missão. Com isso estou me referindo, é claro, a um modo antigo de pensar a missão! Concordo com você que, para avançar, temos de primeiro olhar para trás.

No Reino Unido temos um grande exemplo nos quacres, que eram uma pequena minoria no país do século 19, mas transformaram o país. Eles se levantaram para tornar o mundo um lugar melhor por meio dos negócios. Nomes como Cadbury, Fry, Rowntree, Bryant e May, Wedgwood, Barclay e Lloyd até hoje identificam empresas no Reino Unido do século 21. Outros nomes foram esquecidos: Abraham Darby foi um gênio de inovação no começo do século 18, cujas empresas de metalurgia ajudaram a iniciar a Revolução Industrial. Um século mais tarde, a família Pease fundou a Stockton and Darlington Railway Company, criada para transportar carvão das suas minas, mas que acabou sendo o primeiro trem de passageiros do mundo. Empreendimentos quacres formaram a base da British Steel (agora Corus) e British Rail, assim como da Unilever e da ICI.

A ética quacre, de honestidade, trabalho duro e responsabilidade pelos outros, gerou empresas bem sucedidas, que deixaram um legado e exemplo positivo de ética empresarial por séculos. Como observou o biógrafo de Joseph Rowntree, “Seu pai não via nada de errado em mencionar seu estoque de açúcar e o Espírito Santo no mesmo parágrafo de uma carta, e jamais teria ocorrido a Joseph que poderia existir um código de ética que se aplica apenas ao comércio.”

As empresas dos quacres geraram bons empregos para muita gente. Elas ofereciam estágios, essenciais até hoje em todos os países. E, como diz um dos nossos líderes de Missão Empresarial em Watford, estágio é discipulado. Quando alguém trabalha para nós ou ao nosso lado pelo tempo suficiente, algo de Jesus deveria passar para ele! Os quacres educavam seus trabalhadores, proviam cuidado à saúde e pensões, até providenciavam moradias. Além das empresas, construíram escolas e promoveram uma reforma no sistema prisional. A sociedade foi transformada – tudo ficou um pouco mais parecido com o Reino.

Para mim, a história das empresas quacres é muito encorajadora. Em termos de impacto espiritual, as reformas sociais que eles iniciaram levaram muitas pessoas a se tornarem cristãs, mesmo que nem todas se tornaram quacres. Talvez foi seu pouco empenho em construir sua “própria igreja” que os liberou para trabalhar no mundo? Mesmo hoje, quando se fala deles com muitos elogios em um mundo novamente faminto por ética nos negócios, eles colocam Jesus nas manchetes! Falando de empreendedorismo cristão no século 21, não precisamos nos preocupar com quão poucos somos, apenas com quão bem fazemos o que Deus nos confiou para fazer e quão bem trabalhamos juntos. Podemos causar impacto! William Penn, o quacre que fundou a Pensilvânia, escreveu em 1682: “Ser crente de verdade não tira as pessoas do mundo, mas as capacita a viver melhor nele e desperta seus esforços para consertá-lo.”

Criar empregos é um ótimo lugar para começar a consertá-lo!

Bridget Adams é co-autora de *Building the Kingdom through Business*. Instant Apostle, 2012. bridget@instantapostle.com.

Resposta de um executivo

Peter Shaukat

Mats nos trouxe um desafio atual e provocador, ancorado numa base teológica e conceitual sólida. A perspectiva histórica que Bridget agregou é uma boa lembrança de que Deus andou no meio do seu povo nos tempos passados. Por implicação, ambos creem que ele pode e certamente quer fazê-lo de novo. Isso levanta uma pergunta importante: o que precisamos fazer para ver seu Espírito se mover em nosso tempo?

Uma tendência humana comum é atribuir nossos problemas a outras pessoas. “A crise do capitalismo que vivemos foi causada pela ganância dos banqueiros.” “Os problemas nos nossos negócios são resultado da usurpação de direitos pelos sindicatos.” “Não podemos esperar conseguir nada enquanto os políticos corruptos estão no poder.” E, de relevância específica para o movimento de ME: “O tempo dos subsídios acabou. O poder corruptor das doações precisa ser substituído pelo verdadeiro agente sustentável de mudança – empresas e empresários.” Uma coisa é verdade a respeito do mundo empresarial, e de ME em particular: são pessoas, indivíduos e comunidades, fazendo diferença. Fazer progressos nas questões levantadas por Mats dependerá, bem lá no fundo, do que eu faço – nós fazemos – em resposta, dirigidos e ajudados pelo Espírito de Cristo.

Como eu vejo, nós da comunidade empresarial que afirmamos ter um chamado para missão efetiva em nosso tempo também parecemos crer que o manto da liderança ungida para sua implementação foi colocado sobre nossos ombros. É preocupante que presentemente há uma lacuna significativa de credibilidade, medida pelos relativamente poucos que estão de fato envolvidos. Aqui trago algumas humildes sugestões para mudar as coisas:

- Participe sem medo de “grupos de afinidade” alternativos para nutrir seu discipulado, recusando-se a aceitar que existe apenas uma maneira de “fazer igreja”. O princípio do vinho novo em odres novos indica que o contexto para ao menos alguma medida de ME estará fora das estruturas eclesiais e missionais com que estamos familiares – mesmo não desanimando de renovação nos lugares mais surpreendentes.

- Dedique-se de modo proativo a ser mentor e ter um mentor de gerações, culturas e disciplinas diferentes, lembrando que Deus é o autor da globalização e colaboração em sua obra de redenção. Precisamos nos opor à noção sutil de que nossa formação e influência espiritual podem ser conseguidas em isolamento individualista, sem as disciplinas da vida e o uso dos nossos talentos e dons espirituais na comunidade global.

- Assuma o risco de sair do seu porto seguro para estar “onde ele está”. Recordar os perigos extremos que os comerciantes corriam nos tempos antigos pode ser um despertar bem rude do conforto e da aversão ao risco com que nos acostumamos. Entrar em outra cultura, enfrentar dificuldades, tomar sobre si a cruz para levar as boas novas do reino a lugares e povos em todo lugar é um teste rigoroso da nossa obediência a Cristo.

- Invista seu dinheiro radicalmente onde sua boca (ou intelecto) diz. É generalizada a pressuposição de que quem segue a Cristo seriamente deve dar o dízimo, ou disponibilizar de outras maneiras seus rendimentos para a igreja, para projetos missionários ou causas sociais. O que aconteceria se os cristãos usassem a mesma postura investindo seus recursos de modo consistente, refletido e proporcional em iniciativas de ME, fora da motivação de segurança pessoal proporcionada pela geração e preservação da riqueza financeira em si?

Que a aplicação desses passos, de maneiras específicas e personalizadas, nos ajude a realizar juntos o impossível para sua maior glória!

Peter Shaukat é fundador e administrador principal de um fundo global de investimentos em iniciativas de missão empresarial no Mundo Árabe e na Ásia.

Tradução: Hans Udo Fuchs

